

Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Ateu, graças aos deuses

Quando conheceu a igrejinha de São Francisco de Assis, na Pampulha, criada por Oscar Niemeyer, em Belo Horizonte, marco da arquitetura modernista, o agnóstico Oswald de Andrade afirmou: "É a única igreja que converte". Pampulha funcionou como ensaio para Brasília.

Por aqui, Niemeyer espalhou cinco templos, alguns deles são joias da arquitetura: a Catedral Metropolitana de Brasília, a Igrejinha da 307/308 Sul, a Capela do Palácio da Alvorada, a Catedral Militar Rainha da Paz e a Igreja Ortodoxa de Brasília.

Ao todo, Niemeyer riscou 16 edificações religiosas pelo Brasil e pelo mundo. Quem visita as catedrais, igrejas e capelas que ele inventou costuma sentir duplo espanto: com o êxtase estético e com a informação inquietante de que o autor daquelas obras era um ateu de carteirinha. Como explicar tal contradição?

Em um precioso texto para o livro *As igrejas*, Niemeyer toca na questão. Lembra que nasceu e morou, durante toda a juventude, em Laranjeiras, na casa dos avós Ribeiro de Almeida. Era uma família profundamente católica: "A sala de visitas tinha cinco janelas — três delas dando para os lados", evoca Niemeyer. "Numa destas, minha avó embutiu um oratório, que, aos domingos, abrindo para a sala, permitia que a missa fosse rezada em casa, tão religiosa era a nossa família".

Mas, apesar disso, ele não alimentou nenhum sentimento religioso. Com pouco mais de 20 anos, participava de campanhas para arrecadar donativos a serem distribuídos aos pobres. A ideia de um Deus todo-poderoso, criador de todas as coisas, desapareceu do seu pensamento.

No entanto, ficou impressa na memória afetiva a lembrança de que aquelas pessoas eram gente boa e bem-intencionada, que manifestava uma atitude generosa e solidária diante da pobreza: "Tudo isso explica a minha postura compreensiva e quase indulgente em relação aos que creem num Deus invisível e onipotente, aceitando, conforme tem acontecido, projetar uma igreja, uma catedral ou uma simples capela como a que acabo de desenhar, a pedido do meu amigo Irineu Marinho", escreve Niemeyer.

Além disso, há um aspecto essencial a ser considerado: a edificação de um templo é um tema muito rico para um arquiteto: "Com que prazer desenhei as colunas da Catedral de Brasília, a subirem em círculo, criando a forma desejada! E lembro os contrastes de luz que adotei, tão importantes no interior de uma catedral".

Niemeyer reconhece que, quando projetava uma catedral, o prazer que sentia em ver a obra bem realizada era muito menor do que a importância que lhes dão aqueles que vão frequentá-la, pois é ali que acreditam estarem perto de Deus.

Mas, embora não acreditasse em um ser supremo que tudo criou e tudo rege, ao erguer templos, Niemeyer toca no sublime, que é uma dimensão do sagrado. Esse é um pequeno milagre da arte. Niemeyer não acreditava em Deus; e eu não acredito em Niemeyer.

Para imaginar as obras que criou é preciso ter altas conexões espirituais. E, neste sentido, talvez ele pudesse afirmar: ateu, graças a Deus ou graça aos deuses.

HOMENAGEM

Com horário ampliado e vans gratuitas, cemitérios da capital devem receber cerca de 400 mil visitantes. A data movimenta o comércio de flores e reúne momentos de fé, mas também traz desabafos sobre abandonos e furto de placas em jazigos

Preparação para o Dia de Finados

» IAGO MAC CORD
» ISABELA BERROGAIN

O Dia de Finados no Distrito Federal exige uma operação logística robusta para receber as cerca de 400 mil pessoas esperadas nos seis cemitérios administrados pela concessionária Campo da Esperança — Asa Sul, Taguatinga, Gama, Sobradinho, Planaltina e Brazlândia. Para o feriado, as unidades terão horário ampliado amanhã: abrirão uma hora mais cedo, às 7h, com entrada de visitantes permitida até as 18h, e encerramento das atividades às 19h. O atendimento administrativo funcionará das 7h às 18h, e o suporte telefônico atenderá até as 19h, enquanto velórios e sepultamentos ocorrerão normalmente durante todo o dia.

No trânsito e na circulação interna, o acesso de veículos na Asa Sul, Taguatinga, Gama e Sobradinho será restrito exclusivamente a carros com autorização de vaga especial (para idosos, pessoas com deficiência ou autistas) emitida pelo Detran-DF, sendo totalmente proibido em Planaltina e Brazlândia. Para facilitar o deslocamento dos visitantes, vans gratuitas circularão com intervalo médio de 15 minutos nas quatro maiores unidades, partindo da entrada principal.

Além disso, computadores estarão disponíveis em todos os cemitérios para a consulta rápida da localização dos jazigos mediante a digitação do nome completo do sepultado — contando com seis terminais e totens na Asa Sul e em Taguatinga, três no Gama e um em cada uma das demais unidades.

A segurança e a fiscalização externa serão reforçadas pela atuação conjunta da Secretaria de Segurança Pública, Polícia Militar, Polícia Civil, Detran-DF, DER-DF, Corpo de Bombeiros, DF Legal e administrações regionais. A presença de vendedores ambulantes no interior dos cemitérios não será permitida, ficando a fiscalização a cargo dos órgãos do GDF.

A equipe de segurança particular da concessionária também atuará de forma intensificada nas dependências internas.

Em paralelo à movimentação nos cemitérios, espaços de fé do DF realizam programações especiais para acolher as famílias. O Templo da Boa Vontade (TBV), na Asa Sul, promove o tradicional Plantão de Assistência Espiritual "Os mortos não morrem", oferecendo preces de hora em hora, mensagens ecumênicas, momentos de meditação e apresentações musicais. A Arquidiocese de Brasília também escalou representantes para a celebração de missas em todos os cemitérios da capital ao longo do dia, oferecendo conforto espiritual aos frequentadores.

Cobranças

O feriado também é marcado por fortes cobranças e relatos de insatisfação por parte dos frequentadores em relação à manutenção e à segurança dos jazigos. No cemitério Campo da Esperança, na Asa Sul, familiares que preferiram não se identificar expressaram revolta com o estado de abandono do espaço e revelam que buscaram a administração do local para registrar reclamações.

"Qualquer um entra e mete a mão, arranca as placas... É uma falta de respeito. Até porque a gente paga, e nem a manutenção básica tem", desabafou uma mãe que teve o filho assassinado. Outra filha relatou ter caído em um golpe no qual estelionatários cobraram R$ 150 para uma suposta limpeza que nunca foi feita, culminando no furto das placas do jazigo: "Nem os que morreram têm sossego".

> "É um absurdo chegar no feriado de Finados e ver lápides quebradas, castiçais tortos e o terreno desnivelado"
>
> ***Adativa Veras, aposentada***

A aposentada Adativa Veras, 81, que visita o túmulo do marido há mais de duas décadas, reforça as críticas à gestão da concessionária. Moradora de Sobradinho, ela aponta que a falta de conservação é crônica. "Pago caro na mensalidade e, infelizmente, não há manutenção. Já abri várias ouvidorias, e nada", relatou, destacando que os próprios frequentadores costumam limpar e aparar a grama ao redor dos túmulos.

"É um absurdo chegar no feriado de Finados e ver lápides quebradas, castiçais tortos e o terreno desnivelado. Eles não fazem o mínimo, que é passar uma máquina na grama." Adativa também criticou o descaso estrutural com o crematório inaugurado recentemente e a desorganização espacial dos jazigos.

"Eles movem até a posição dos jazigos, então talvez a gente nem esteja em cima do nosso parente. Eles não podem querer só o lucro, tem que haver uma contrapartida." Procurada pela reportagem para comentar as denúncias, a administração da concessionária não retornou até o fechamento desta edição.

Expectativa no comércio

O impacto da data se estende também ao setor econômico da capital, impulsionando o comércio de flores, velas e coroas, como trazido pelo **Correio** na edição de ontem. Segundo levantamento do Instituto Fecomércio-DF, o tíquete médio da população para as homenagens póstumas saltou de R$ 60,33 no ano passado para R$ 110,59 neste ano, representando um crescimento expressivo de 83,3%. Cerca de 74% dos lojistas projetam vendas superiores às de 2025, impulsionados pela procura por rosas (que lideram a preferência com 19,5% das vendas), crisântemos (18,67%) e lírios (14,52%).

Nas floriculturas locais, os empresários dividem-se entre o otimismo com o reforço nos estoques — com arranjos variando de R$ 8 a R$ 100 — e a concorrência com supermercados e vendedores informais. Para além dos números da economia, o movimento nos balcões e a intensa peregrinação aos cemitérios refletem, em sua essência, a permanência do afeto e a necessidade coletiva de honrar a memória de quem partiu. **(Colaborou Davi Cruz)**

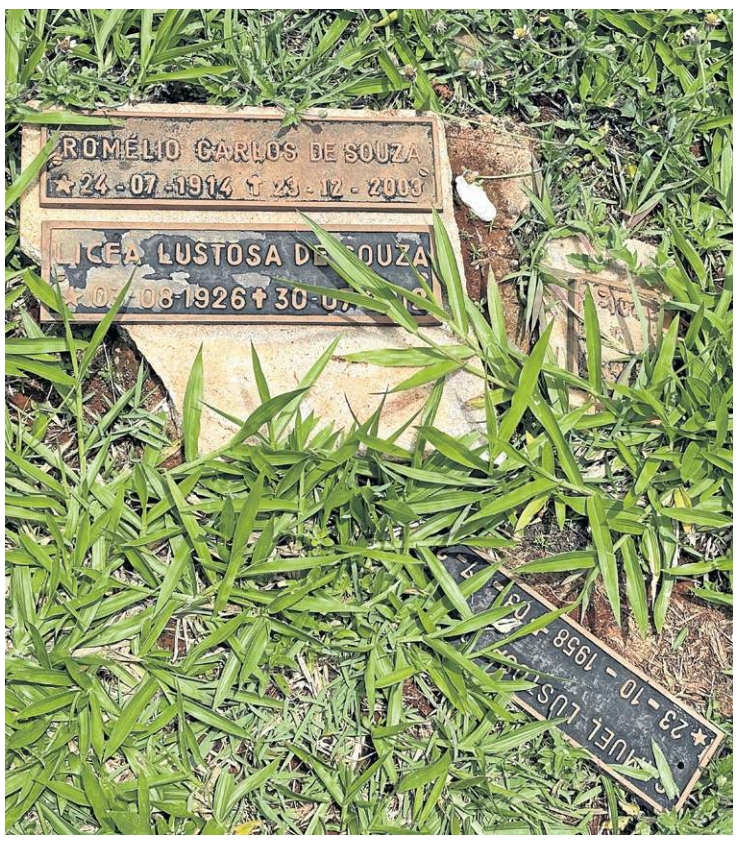
Fotos: Isabela Berrogain/CB/DA.Press



Sem o serviço básico prestado no local, Adativa Veras, de 81 anos, precisa usar a própria tesoura para cortar a grama e manter o jazigo limpo



Adativa Veras recorre a ouvidorias para cobrar melhorias do local



Frequentadores reclamam da conservação das pedras e placas



As unidades do DF contam com terminais e totens de consulta rápida para ajudar a localizar sepulturas